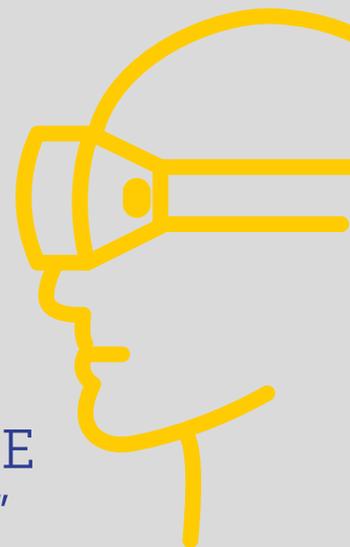


HOMOSSEXUALIDADE FEMININA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO A PARTIR DAS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS "CAROL" E "AZUL É A COR MAIS QUENTE"



1 Psicóloga, graduada pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEFE. E-mail: psiconeckel@gmail.com.

Aline Neckel Amancio¹

Gustavo Angeli²

Yohanna Cunha Zibell³

2 Docente do curso de psicologia do Centro Universitário Avantis – UNIAVAN, doutorando em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: gustavoangeli@gmail.com.

3 Psicóloga, graduada pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEFE. E-mail: yohannacunhaa@gmail.com.

RESUMO

Neste artigo é apresentada a pesquisa em psicanálise, relatada a partir da homossexualidade feminina entrelaçada com produções cinematográficas. Com o objetivo de explorar a temática da mulher homossexual, relacionada à teoria psicanalítica com o filme Carol (2015) e o filme Azul é a cor mais quente (2013). O artigo apresenta conceitos da psicanálise freudiana e pós-freudiana com o intuito de apresentar ao leitor, momentos históricos do passado e do presente sobre a temática da mulher homossexual e da homossexualidade. A pesquisa justifica-se pelo baixo número de materiais disponíveis sobre a mulher homossexual, sendo que, em um contexto LGBT há mais produções teóricas e debates acadêmicos sobre os homossexuais masculinos. Para explorar o assunto da homossexualidade feminina neste artigo é utilizada a pesquisa bibliográfica para as referências e a pesquisa em psicanálise extramuros, que aborda a psicanálise fora do contexto clínico, ligado aos fenômenos sociais e políticos; além de colocar em questão as próprias interpretações dos autores sobre o tema. São discutidas e elaboradas neste trabalho as questões sobre o lugar que a mulher homossexual tem na sociedade, a invisibilização dos desejos da mulher e como a sociedade ainda reprime a sexualidade feminina e espera que as mulheres sejam belas, recatas e do lar.

Palavras-chave: Filmes. Homossexualidade. Mulher. Psicanálise.



EDITORA
AVANTIS



FEMALE HOMOSEXUALITY: A PSYCHOANALYTIC STUDY FROM THE CINEMATOGRAPHIC PRODUCTIONS “CAROL” AND “BLUE IS THE WARMEST COLOR”

ABSTRACT

In this article is presents research on psychoanalysis, reposted from female homosexuality intertwined with film productions. With the objective of explore thematic of homosexual woman, related to psychoanalytic with the movies “Carol (2015)” and “Blue is the hottest color” (2013)”. This article presents concepts of Freudian psychoanalysis and post-Freudian with the porpose presents about the thematic of homosexual woman and the homosexuality. Research justified by low number of materials available about the homosexual woman, being that, in a context LGBT there is more theoretical produces and academics debates about the male homosexuals. To explore the subject of female homosexuality in this article is used the bibliographic research for the references and the research in extramural psychoanalysis, that addresses the psychoanalysis out of context clinical, connected to the social and political phenomena; besides putting in question the own interpretation of authors about the theme. Are discussed and elaborated in this work questions about the place that the homosexual woman have in the society, invisibilization of woman's wish and how the society yet repress the female sexuality and wait that the women to be beautiful, demure and of home.

Keywords: *Movies. Homosexuality. Woman. Psychoanalysis.*

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa descrever conceitos em torno da homossexualidade feminina e a psicanálise, por meio de uma pesquisa bibliográfica-exploratória e relacionar os conceitos psicanalíticos aos filmes sobre a mulher homossexual. Esta pesquisa é desenvolvida a partir da abordagem psicanalítica freudiana e pós-freudiana.

A psicanálise foi escolhida para explicitar a teoria sobre a temática da homossexualidade. Freud descreve alguns textos sobre a sexualidade e a homossexualidade, porém, a maior parte de seus escritos são sobre os homossexuais masculinos e

sobre os processos psíquicos do menino. Uma das problemáticas da pesquisa é apresentada ao leitor neste momento, em que, há uma quantidade maior de obras que descrevem os processos psíquicos e sexuais dos homens. As obras de Freud em que há citações sobre os processos que ocorrem na mulher, são: o complexo de Édipo, a psicogênese de uma homossexualidade feminina e a feminilidade. Em toda a sua obra, Freud destaca em outros textos sobre a vida psíquica da mulher, mas estes que estão descritos acima foram os escolhidos para este artigo. E no período pós-freudiano, os autores que se destacam por apresentam uma narrativa mais atual sobre o assunto da mulher homossexual e de gênero são: Paulo Ceccarelli (2017), Marcia Arán (2009), Vera Iaconelli (2018), entre outros autores.

Neste estudo, a homossexualidade feminina é ilustrada e problematizada em uma perspectiva histórica, passado e presente, através de duas produções cinematográficas. Neste sentido, problematizamos os espaços em que a mulher pode ocupar na sociedade em duas épocas distintas, assim como questionamos e investigamos as reverberações da sexualidade feminina, em especial a homossexualidade, na época em que os filmes são produzidos. O primeiro filme retrata a mulher homossexual nos anos 1950, “Carol” (2015), e o segundo filme, que retrata um pouco do cenário contemporâneo, “Azul é a cor mais quente” (2013).

O filme “Carol” (2015), apresenta a história de Carol (Cate Blanchett) e Therese (Rooney Mara), as duas mulheres se conhecem no trabalho de Therese e começam a se aproximar a partir de conversas e telefonemas, e durante uma viagem, iniciam um romance. Carol está em processo de divórcio e seu ex-marido a proíbe de passar o Natal com sua filha, pois Carol está se relacionando com mulheres. O que para época é imoral. Com a decisão do ex-marido de não deixar a filha passar o Natal com a mãe, Carol convida Therese para viajar pelo país. Durante a viagem Carol abandona Therese para cumprir uma chantagem que seu ex-marido está fazendo. Carol começa a procurar tratamento para sua “doença”. Essa questão, que para a época é um escândalo e imoral, uma mulher ter outras formas de sentir prazer ou exercer a sua sexualidade; a busca pela independência da mulher sem que o marido lhe dê autorizações sobre seus desejos, que relacionamos neste estudo com as contribuições da teoria psicanalítica.

O filme Carol (2015) retrata a vida de uma mulher da sociedade do século passado. E o filme que representa a era atual é o filme “Azul é a cor mais quente” (2013), que apresenta um relacionamento amoroso entre Adèle (Adèle Exarchopoulos) e Emma

(Léa Seydoux). O filme começa com a jovem Adèle descobrindo seu corpo e seus desejos, e seu relacionamento com Emma. O filme discute às descobertas do prazer, a aceitação da sexualidade por parte da protagonista e o modo como as relações sociais podem interferir em seus desejos. Neste filme, analisamos o debate que envolve a sexualidade na contemporaneidade a partir de um enredo mais aberto sobre a população das lésbicas, dos gays, bissexuais e transexuais (LGBT). Estes pontos serão discutidos e entrelaçados também ao filme “Carol” (2015), já que o contexto do filme explicita a vida da mulher voltada exclusivamente para a maternidade.

A justificativa que faz surgir à pesquisa envolvendo a temática LGBT está ligada a falta de produção teórica e acadêmica em relação à homossexualidade feminina, tanto na questão escrita quanto em debates, semanas acadêmica ou na universidade. É uma questão invisibilizada. O interesse em elaborar um artigo sobre o tema LGBT, em especial sobre as mulheres lésbicas, surge de um interesse pessoal da acadêmica. Quando falamos de homossexualidade surge em nossos pensamentos o homem gay, dificilmente pensamos na mulher que é homossexual. Em uma rápida comparação, identificamos uma vasta produção bibliográfica sobre o homossexual masculino comparado à homossexualidade feminina.

Desde a época de Freud até quase o final do século XX, a homossexualidade chegou a ser tratada como um desvio de conduta e foi inscrita no Código Internacional de Doenças (CID) como uma doença patológica. Por ser considerada uma doença, muitos homossexuais foram acometidos a tomarem medicações para se “curar”, assim como é o caso de Carol. Outros métodos também chamaram atenção na busca pela “cura gay” com religiosos que dizem que a homossexualidade é a falta de um Deus. Apenas em 1999 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade do Código Internacional de Doenças (CID), dando assim um passo para tentar transformar opiniões e conceitos estabelecidos sobre as/os homossexuais na sociedade.

Por mais que a homossexualidade não seja considerada uma doença hoje em dia, ainda ocorrem casos de violência contra a população LGBT. O preconceito e o desconhecimento sobre a realidade da população LGBT faz com que exista um número de mortes bem elevado. Conforme divulgado por Sousa e Arcoverde (2019) “o relatório produzido pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) aponta que somente no ano de 2019 no Brasil foram registradas 141 mortes de pessoas LGBT.” A sociedade brasileira possui um número elevado de mortes contra a população LGBT e o Brasil é

considerado o país que mais mata homossexuais no mundo. É uma questão para ser problematizada e discutida, o incomodo e a inquietação do que é desconhecido reverbera em violência, preconceito e morte.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

A presente pesquisa acadêmica aborda o contexto da mulher homossexual e para compreender a homossexualidade feminina recorreremos a teoria psicanalítica, em foco a obra de Sigmund Freud. Na teoria psicanalítica a sexualidade feminina é apresentada através do complexo de Édipo e o seu desenvolvimento na menina. Porém, cabe destacar que a obra de Freud não apresenta um número considerável de escritos sobre o complexo Édipo na menina, e sim, observamos um destaque às discussões edípicas do menino. Alguns textos que auxiliam para a compreensão da teoria psicanalítica em relação à homossexualidade feminina: a psicogênese de uma homossexualidade feminina (FREUD, 1920), o complexo de Édipo (FREUD, 1926), e a feminilidade (FREUD, 1923).

A mulher e a psicanálise estão interligadas desde o começo dos estudos sobre a teoria psicanalítica. Segundo Iaconelli (2018) coube a Freud o mérito de sustentar a escuta da mulher e levá-la a criação da psicanálise. A psicanálise teve início quando Sigmund Freud começou a ouvir suas pacientes, e ao ficar em silêncio, começa a associação livre para Freud. Para Iaconelli (2018, p. 46) “o diagnóstico de histeria é a interpretação do sofrimento da mulher frente à opressão social em tempos de discurso patriarcal e, ao mesmo tempo, pedra fundamental do método psicanalítico”. A histeria, para os estudiosos da época, era uma doença tipicamente feminina.

Numa perspectiva histórica, encontramos métodos ligados à masturbação da mulher como “cura da histeria”, até chegarmos ao método da hipnose e posteriormente ao método da associação livre. Com “fale o que vier à sua mente” a mulher começou a ser ouvida e a ter um lugar de fala. A mulher sempre foi criticada e redimida pela história. Numa perspectiva religiosa encontramos a criação de Adão e Eva que desobedecem a “lei de Deus.” Com este ato acontece a expulsão dos dois seres humanos do paraíso, e trazendo a mulher como culpada de levar o homem a errar. Mais a frente no tempo, nesse mesmo contexto religioso ocidental, é por uma mulher que nasce o “salvador do mundo” redimindo o pecado que Eva cometeu. Para Barreto e Cecarelli (2015,

p. 132) Eva inscreveu o pecado e a morte na humanidade, e Maria, aquela que concebe o filho de Deus por intervenção divina, insere a fé e a salvação ao mundo.

Nesse contexto religioso ocidental, durante as reformas e concílios do Vaticano, é exposto um “caça as bruxas”, conhecido como “Inquisição Católica”. A inquisição perseguiu e queimou muitas mulheres em fogueiras, muitos homens também perderam sua vida nessa era, mas a grande maioria foram mulheres. Mulheres que não acreditavam na igreja ou iam contra algum testamento, eram acusadas de bruxaria. Como afirma Zordan (2005, p.335) “as bruxas eram condenadas à morte, mas não bastava enterrá-las, era necessário queimar seus corpos e lançar suas cinzas ao vento, para que, seu corpo não fosse capaz de se reconstituir”. Não há um número exato de mulheres que perderam a vida na era da inquisição, mas como afirma Menschik (1977, p132) e retomado por Angelin (2016) estima-se que aproximadamente 9 milhões de pessoas foram acusadas, julgadas e mortas neste período, mais de 80% eram mulheres.

Para Iaconelli (2018, p.47) “os inquisidores descreviam métodos para procurar, e muito provavelmente encontrar, o demônio no corpo da mulher suspeita de bruxaria.” A sociedade patriarcal é enfatizada no modelo cristão de que a mulher deve casar-se com um homem, ter filhos, cuidar de sua casa e sempre obedecer ao seu marido. Essa cultura começou a ganhar força nos períodos históricos em que a igreja e o estado andavam juntos nas épocas medievais. É válido refletir como esses momentos históricos ainda refletem a sociedade atual. Em seu texto Iaconelli (2018, p.48) também afirma que “quanto mais equânime é a sociedade, embora ainda nenhuma o seja, mais à mulher pode decidir sobre seu desejo de reproduzir e o uso que faz do corpo”. Na atualidade falar sobre o que a mulher pode fazer com o seu corpo é pedir para criar confusão. As decisões sobre a realização de um aborto, por exemplo; quem decide se a mulher pode fazer um aborto é também o homem e o Estado. Quem for contra essa decisão, geralmente as famílias religiosas e os próprios líderes religiosos, podem processar os médicos que realizaram o ato cirúrgico. A sociedade por mais evoluída que seja ainda vive um modelo social patriarcal em que o homem decide e escolhe pela mulher.

Para descolocar a imagem que a mulher possuía em sociedade, de ser mãe e ser submissa as vontades de seu marido, as mulheres passaram por muitos momentos históricos, como o movimento das sufragistas e todas as ondas do feminismo. A mulher começou a ser vista e percebida como ser humano nos meios sociais a partir

dos movimentos feministas que buscam a igualdade de direitos perante os homens. Com a ascensão dos movimentos feministas, os grupos LGBT's começam a se unir com as mulheres, buscando melhorias de vida também para os homossexuais. Assim afirma Pereira (2018) apesar de distintos e complexos, os Movimentos Feministas e LGBT possuem mais pontos em comum do que parecem perceber e acumulam uma reserva de potência que pode ser explorada criativamente de maneira conjunta e parceira na busca pela dignidade, cidadania, justiça e igualdade de direitos.

Com os movimentos feministas e a busca pela igualdade de direitos as mulheres começaram a ser ouvidas. Mas, ainda eram consideradas históricas, imorais, desviadas e invertidas (homossexuais). Para Scavone (2001) a recusa da maternidade seria o primeiro caminho para subverter a dominação masculina e possibilitar que as mulheres buscassem uma identidade mais completa e, também, pudessem reconhecer todas suas outras potencialidades. As mulheres homossexuais eram vistas como diferentes, já que, para a sociedade em épocas passadas, a mulher deveria se casar com um homem e ter filhos, a mulher só tinha um lugar social na medida em que ocupasse a função materna.

Pode-se perceber que a figura da mulher ocupou apenas espaços sociais como mãe, cuidadora do lar e de seu marido. Foi um longo caminho até chegar a sociedade que temos hoje em dia, em um período que há maior número de debates sobre a mulher e suas ocupações sociais. A partir de todas essas informações sobre a mulher e seu desenvolvimento histórico, a seguir, é apresentado ao leitor às funções psíquicas da mulher homossexual a partir da teoria psicanalítica.

Para embasar essa pesquisa, recorreremos a Freud, a teoria psicanalítica, que descreve o contexto homossexual e a psique, através do complexo de Édipo, ou seja, o início do processo do desenvolvimento psíquico de cada criança. Freud (1925/2011, p. 258) afirma que:

Ao examinar as primeiras configurações psíquicas da vida sexual na criança, nosso objeto foi normalmente a criança do sexo masculino, o garoto pequeno. Achamos que na garota pequena as coisas deviam se passar de modo semelhante, mas com alguma diferença. Em que ponto do desenvolvimento estaria essa diferença é algo que não se deixava esclarecer.

Desde o início dos estudos de Freud sobre o desenvolvimento psíquico da criança, o objeto de estudo sempre foram os meninos, com a ressalva de que na me-

nina deveria ter alguma diferença, mas que não era explícita. Sabemos que a teoria psicanalítica freudiana é escrita e reescrita através do tempo, e Freud descreve mais sobre o sexo masculino e o seu funcionamento, do que sobre o sexo feminino. É a partir do complexo de Édipo que se pode analisar os funcionamentos psíquicos das crianças, esses que definem as relações futuras da criança, quando se tornarem adultas. O complexo de Édipo, para o menino é diferente do que na menina. O complexo apresenta a teoria do filho voltado contra o pai e a filha contra a mãe, sendo que esta descoberta é confirmada por um mito da antiguidade clássica, intitulado Édipo rei.

O mito do Édipo Rei conta a história de um filho que mata o pai e por prêmio e lei da época, tomava a mulher do morto, por sua mulher; sendo assim, sua mãe. A associação entre o saber psicanalítico e a história de Édipo pode ser remontada em outubro de 1897, pois nesta data, Freud (1987/1996) envia uma carta à Fliess, que estabelece a partir do seu exemplo, a validade universal do mito grego como uma importante chave para a compreensão do psiquismo humano.

O menino tem o desejo de deitar-se com a mãe, mas é repreendido pelo pai, o pai é o representante da lei nesse momento. É o pai que diz ao filho o que ele deve ou não fazer, por isso ele é a lei. Podemos notar que na atual sociedade é comum ouvirmos que a figura de mãe se relaciona melhor com o filho homem do que com a filha mulher; e que a figura de pai se relaciona melhor com a filha. O complexo de Édipo é o momento mais importante para a constituição do sujeito, pois, a caracterização do Édipo segundo Freud (1923/2011, p. 20) relata que:

Em idade muito precoce o menininho desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto segundo o modelo analítico; o menino trata o pai identificando-se com este. Durante certo tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado, até que os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo a eles; disso se origina o complexo de Édipo.

A idade em que o complexo de Édipo começa a surgir é quando a criança começa a analisar seu corpo e o corpo das pessoas que estão ao seu redor. As crianças começam a perceber as diferenças que existem nos corpos, como o menino que começa a analisar se a mãe tem o mesmo órgão genital que ele possui. E a menina que quer o objeto que o pai tem; tomar para si esse órgão que faz o adulto ser diferente

dela. A menina rivaliza a mãe também, por não lhe dar esse órgão. Em outras palavras, segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 166) confirma-se que o complexo de Édipo “é o desejo sexual que a criança tem pelo sexo oposto e a rivalidade com o genitor do mesmo sexo, processo este que acontece entre 3 e 5 anos”. É a partir do complexo de Édipo que se inicia o saber sobre uma diferenciação entre homem e mulher, e como o sujeito irá se posicionar frente a castração.

O complexo de castração pode limitar a feminilidade e a masculinidade, como afirmam Roudinesco e Plon (1998, p. 105) a castração é um

Termo para designar a operação pela qual um homem é privado de suas glândulas genitais, condição de sua reprodução. Sendo assim, é sinônimo do termo emasculação, mais recente, que o uso contemporâneo tende a privilegiar para designar a remoção real dos testículos. Sigmund Freud denominou de complexo de castração o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos.

Assim podemos verificar que o menino possui medo de perder seu falo, esse órgão que a mãe lhe deu, pois ela sempre o acolheu. O menino rivaliza como pai por ter o mesmo órgão e inconscientemente acredita que ele pode lhe retirar. E a menina que não possui o falo acredita que a mãe o tirou, por isso é castrada e volta-se ao pai, que possui esse objeto, na intenção de ganha-lo. Na menina, o primeiro objeto de amor também é a mãe, como no menino, pois a mãe a alimenta, cuida e protege; porém esse objeto de amor deve ser deslocado para o pai. Conforme Freud (1931/1996) e retomado por Angeli (2016, p.46)

se questiona sobre os motivos que levariam a menina a abandonar seu primeiro objeto de amor, no caso a mãe para amar o pai, tendo em vista também, que este deslocamento pode não ocorrer por uma intensa ligação com a figura materna que não permite ser substituída ou deslocada. Nas meninas, ao contrário dos meninos que saem do complexo de Édipo pela ameaça de castração, é justamente este complexo que permite a entrada da menina no complexo de Édipo.

O menino se dá conta de que nem todos possuem o pênis, tem medo de ser castrado, a menina se sente menosprezada sem o pênis. Como explica Freud (1923/2011, p. 211) “a diferença morfológica tem de manifestar-se em diferenças no desenvolvimento psíquico. O órgão sexual (clitóris) da menina é reconhecido pri-

meiramente como um pênis, em comparação ao do menino, e a menina sente que o fato de não ter um pênis é uma desvantagem e a razão para sua inferioridade. Para Freud (1923/2011, p. 163) “a disposição à homossexualidade deriva da convicção definitiva de que a mulher não possui o pênis”. No momento em que se percebe a diferença sexual, a menina sente que perde algo por não ter um falo, e o menino tem medo de perder o pênis (ameaça de castração). Com isso pode-se relacionar o que Freud cita em relação ao masculino e feminino, passivo e ativo.

Para o menino, diante da castração ele abandona a posição passiva que o mantém preso à mãe ou ao pai, na face invertida do Édipo. Para Freud (1923/2011, p. 175) “o masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis, o feminino assume o objeto e a passividade. A vagina é então estimada como abrigo do pênis, torna-se herdeira do ventre materno”. A menina se entende como castrada, não tem o falo como o menino, e é por frustração que ela abandona a mãe e se volta ao pai. A passividade será transferida na relação com o pai. Como afirma Poli (2007, p. 50) “a menina mais uma vez frustrada, por também não receber o dom almejado do pai, recalca o Édipo para não perder o amor dos pais.” A feminilidade aparece no momento em que a menina procura em outro homem o que não recebeu de seu pai. Poli (2007) comenta que essa busca a outro homem é de quem espera receber o “pênis-bebê”, quando ela retorna, de forma ativa, a posição passiva que a levou ao pai.

A menina sai do complexo de Édipo no momento em que a mulher se casa e torna-se mãe. Com o intuito de ter um objeto a qual sente orgulho e que é dela. Tornar-se mãe é ter um pequeno falo. Mas, e as mulheres que não desejam esse pênis-bebê? Como o complexo de Édipo pode auxiliar a compreender a homossexualidade?

Para compreender como ocorre a homossexualidade feminina recorremos ao texto sobre a psicogênese de uma homossexualidade feminina (1920) escrito por Freud, em que o autor, a pedido de um pai, analisa uma jovem de dezoito anos que está vivendo um romance escondido com uma mulher mais velha. Neste texto podemos relacionar ao contexto do filme Carol (2015), em que uma jovem se relaciona com uma mulher mais velha.

Uma garota desenvolve um entusiasmo por mulheres que inicialmente apenas irrita os pais e quase não é levado a sério. Ela mesma sabe o quanto isso a ocupa, mas experimenta pouco as sensações de uma paixão enérgica, até que uma determinada frustração provoca uma reação excessiva, que mostra a todos os envolvidos que estão a lidar com uma paixão devoradora, de força elementar. (FREUD 1920/2011, p. 124).

A análise de Freud (1920/2011) sobre esse caso, em que é apresentada a mudança do comportamento da jovem homossexual a partir do nascimento do irmão, pois, a garota sentiu que sua mãe dava mais atenção ao irmão do que a ela. Ao ter o sentimento de ser deixada de lado pela mãe, a garota começou a ter sentimentos por mulheres mais velhas e que lembravam a rigidez de sua mãe. No filme Carol, Therese se relaciona com Carol que é mais velha e que está em processo de divórcio e em uma disputa para conseguir manter contato com a filha. Mas, não é retratado nesse filme sobre a relação de Therese com sua mãe e sua família. No texto de Freud (1920/2011, p.127) é relatado sobre a garota que “durante alguns anos, na escola, foi apaixonada por uma professora severa e pouco acessível, um óbvio substituto da mãe”. Por ser uma figura feminina de autoridade e que cedia atenção a garota, ela acabou envolvendo-se com essa mulher.

Nesse texto, Freud (1920/2011, p.125) descreve a jovem, como, “desde nova muito ativa, vivaz, combativa, nada disposta a ficar na sombra do irmão, a que ela desenvolve uma inveja do pênis”. Essa jovem gostaria de ser independente e ter ela mesma suas escolhas. Ela era, na verdade, uma mulher com princípios feministas, achava injusto que as garotas não gozassem das mesmas liberdades que os meninos, e revoltava-se contra a sina das mulheres. Ela não concordava com a ideia de que a mulher deveria apenas casar-se, ser mãe e ser submissa ao homem. E isso faz com que surjam questões, como: qual é o lugar da mulher na sociedade? E existe um lugar social para a mulher homossexual?

Para a sociedade é difícil aceitar que a mulher pode ser homossexual. Para muitos a mulher deveria cuidar da casa, do marido e filhos. O complexo de Édipo freudiano, para as meninas se encerra na criação do objeto fálico, no caso da maternidade é o filho. E ao recusar essa cultura a mulher começa a percorrer um caminho para sua independência.

A garota do texto de Freud tinha voz e desejos, e para a época em que o texto foi escrito, isso era um incômodo. Essa atitude da jovem, foi tão atípica que seus pais foram atrás de auxílio, procuraram entender e auxiliar a garota, pois, foi após uma tentativa de suicídio que buscaram Freud. E Freud (1920/2011, p.131) encerra o caso com “uma mulher que se sente masculina e que amou de maneira masculina, dificilmente permitirá que lhe imponham o papel feminino, se tiver de pagar essa transformação, com a renúncia a maternidade.” Não há reversão nem tratamento para a homossexualidade, por mais que a questão da homossexualidade seja com-

plexa e extensa o lugar da mulher homossexual ainda não é bem visto em sociedade.

Na homossexualidade, por vezes nos deparamos com a imagem de mulher homossexual que se tem na sociedade. Se a mulher não possui uma feminilidade aparente ela é taxada por diversos apelidos, inclusive na própria comunidade LGBT. A feminilidade pode ser entendida como o que faz a mulher, mulher.

As mudanças nas questões sobre a sexualidade feminina e a homossexualidade são mais abertas à discussão nos dias de hoje. Com as questões do movimento LGBT, de gênero, sexualidade e o movimento feminista, que surge possibilitando o empoderamento e lugar de fala das mulheres, o tema torna-se mais acessível. Para Cecarelli (2017, p.136) “a partir do momento em que a sexualidade passou a ser entendida como uma função, suas perturbações passaram a ser observadas, mesmo na ausência de uma causa orgânica ou lesão neurológica.” Há pessoas que acreditam hoje em dia que a homossexualidade é uma doença ou uma falha genética e com isso existe o preconceito. Como afirma Cecarelli (2017, p. 138) “na atualidade o debate continua entre os que veem as homossexualidades como algo a ser tratado e aqueles que a entendem como uma posição libidinal ao mesmo título que a heterossexualidade.”

3 METODOLOGIA

A partir das discussões sobre a homossexualidade feminina e o seu contexto histórico, a pesquisa é elaborada para uma análise entre as produções cinematográficas e a psicanálise extramuros.

O presente artigo acadêmico apresenta a pesquisa bibliográfica-exploratória, embasada na teoria psicanalítica freudiana e pós-freudiana, que se relaciona a duas produções cinematográficas. O primeiro filme assistido e analisado pela acadêmica é o filme Carol (2015), que apresenta a história de um romance entre Therese e Carol, o filme é baseado em uma obra literária “Carol”, de Patricia Highsmith (1952) e é retratado na época dos anos 1950. O segundo filme é o filme Azul é a cor mais quente (2013), que retrata o romance entre Adéle e Emma, o filme demonstra uma narrativa mais atual e abrangente sobre a homossexualidade feminina.

O artigo tem o objetivo de explorar a temática sobre a homossexualidade feminina e entrelaçar a teoria psicanalítica com os filmes. As questões que os filmes

abordam são bem parecidas, mas, em épocas diferentes. O filme *Carol* demonstra como era considerada nos anos de 1950 a vida de uma mulher que vivia com o marido e a filha, mas que pede o divórcio após alguns anos de casada, para assim, explorar sua sexualidade e seus desejos. E o filme *Azul é a Cor Mais Quente*, que apresenta como é visto hoje em dia a questão da homossexualidade, com espaços públicos para a população LGBT, e sobre a questão social como a implicação em relacionamentos.

É apresentado ao leitor a teoria psicanalítica e seu método psicanalítico que é baseado na associação livre, desenvolvida por Freud e aplicada onde é possível o desenvolvimento da clínica psicanalítica.

Não dispomos de outra espécie de prova além desse ensaio; conversas e perguntas durante a sessão, mesmo que frequentes e prolongadas, não poderiam substituí-lo. Mas esse ensaio preliminar já é o começo da análise, e deve seguir as regras da mesma. Talvez se possa distingui-lo por deixarmos o paciente falar, sobretudo, e lhe darmos apenas os esclarecimentos que forem indispensáveis à continuação de sua narrativa. (FREUD, 1911/2011, p.124)

Para falar sobre produções cinematográficas e a psicanálise é necessário debater sobre a psicanálise e a pesquisa, desta forma apresentamos a psicanálise extramuros. Para Rosa (2004, p.331) “a Psicanálise extramuros diz respeito a uma abordagem de problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica, que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico.” Assim pode-se entrar no contexto dos filmes e analisá-los, pois não estão em atendimentos na clínica e se transferem ao analista. Rosa e Domingues (2010, p.180) afirmam que

A psicanálise porta uma dimensão própria de sujeito e de objeto, a qual constitui o seu método específico de pesquisar e em que o desejo do pesquisador faz parte da investigação e o objeto da pesquisa não é dado a priori, mas sim produzido na e pela investigação. Pautada pela dimensão do enunciado e da enunciação do discurso, a pesquisa psicanalítica produz conhecimento interceptando a transmissão de dogmas e de idealizações, mediante o conhecimento de uma série de contextos e histórias, acrescido de articulações fora da história oficial.

A pesquisa em psicanálise vai além do consultório, e pode passar ao espectador intenções e dúvidas do autor da pesquisa. Este artigo surge da escolha da acadêmica em pesquisar sobre a temática LGBT, já que é escassa a quantidade de pesquisas

sobre as mulheres homossexuais. Nas produções cinematográficas, sobre a população LGBT, encontram-se facilmente temáticas voltadas aos homens homossexuais do que sobre as mulheres homossexuais. É considerado certo machismo dentro da temática da homossexualidade, em que há mais produções (acadêmicas e cinematográficas) voltadas ao homem homossexual. Essa expressão da maioria dos filmes e séries serem sobre os homens homossexuais, faz com que possamos perceber o quão patriarcal e machista a sociedade é, a ponto de produzir mais sobre os gays do que sobre as lésbicas.

A pesquisa na psicanálise extramuros faz com que a identidade e os desejos dos autores apareçam na pesquisa.

Disso se diferenciam as “pesquisas em psicanálise com o método psicanalítico”, em que a exigência de presença do psicanalista enquanto psicanalista é incontornável, embora seus temas e alcances possam ser bastante amplos. Pesquisas em psicanálise com o método psicanalítico podem ter como alvo, processos socioculturais e/ou fenômenos psíquicos transcorridos e contemplados fora de uma situação analítica no sentido estrito, embora também aí se constate uma dimensão clínica e se observem efeitos terapêuticos.” (MINERBO; FIGUEIREDO, 2006. p. 259).

A fim de tornar acessível essa discussão da pesquisa e da associação aos filmes, é apresentado ao leitor às análises dos filmes e a sua relação com a teoria. Ou seja, a partir da psicanálise extramuros, a escuta e atenção flutuante possibilitadas pelas produções cinematográficas são analisados e discutidos tópicos sobre o contexto da mulher homossexual nos anos 1950 e 2000, questões relacionadas à “cura” da homossexualidade, o espaço social para uma mulher homossexual, bem como a descoberta da homossexualidade feminina e seus desdobramentos na cultura.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na justificativa desta pesquisa acadêmica é citada que o artigo vem de uma questão dos autores, tanto o assunto de homossexualidade quanto a escolha das produções cinematográficas para análise com a teoria. Com isso, apresentamos um resumo dos filmes e as produções cinematográficas entrelaçadas à teoria psicanalítica.

O filme Carol (2015) nos apresenta a história do relacionamento de Carol e

Therese. Carol é uma mulher burguesa, da alta sociedade; seu marido (Harge) dá o sustento para a casa e Carol cuida da filha do casal. Carol está no meio de seu divórcio com o marido. Para Cossi (2018, p.151) “a mulher é o que o homem diz que ela é e o que deve fazer; é sua versão negativa, à medida que funciona como a exclusão constitutiva da instituição varonil.” Carol quer fugir do padrão de mulher para a época, padrão esse que se referia à mulher como mãe e dona de casa.

Carol está cansada de viver à ilusão de seu casamento. Quando decide procurar algum presente de Natal para sua filha, Carol conhece Therese. Therese é uma jovem que está descobrindo seus desejos e emoções; ao conhecer Carol, sente-se diferente. As duas começam a se relacionar a partir de ligações e encontros, até que por uma decisão de Harge; que deixa Carol aparentemente desnorreada, em que ele decide que a filha do casal não passará o Natal com a mãe e sim com ele, Carol decide convidar Therese para uma viagem pelo país, Therese aceita e as duas passam a viajar. É importante ressaltar que na época do filme (durante a década de 1950), estava acontecendo a segunda onda do feminismo, que conforme Cossi (2018, p.151) “a estratégia é focar a mulher em si e exaltar suas especificidades, as peculiaridades de seu corpo são acentuadas, a refletir na esfera discursiva, jurídica, política e econômica”.

Harge quer que Carol pare de se relacionar com mulheres e aceite o papel social de mãe e esposa para que sua família seja bem vista em sociedade e que seja um exemplo de superação. Carol passa a utilizar remédios controlados e a frequentar médicos e psiquiatras para tratar o seu “desvio de conduta”. Essa questão do marido solicitar que ela busque ajuda faz com que retomemos o texto de Freud - A psicogênese de uma homossexualidade Feminina (1920/2011) - em que lhe é solicitado pelos pais de uma jovem que ajude sua filha a não ser mais homossexual. Como afirma Freud (1920/2011, p.104) “os pais se dirigiram ao médico e lhe confiaram a tarefa de trazer sua filha de volta à normalidade.”

Harge deseja que Carol tome remédios para ter uma posição social de mãe e que não seja mais homossexual, como se o desejo fosse uma doença e tivesse cura. Nesse contexto, no julgamento a defesa de Harge afirma que Carol não pode ter a guarda da menina, pois segue com atitudes imorais e por isso não pode ter nem contato com a filha. Por outro lado, a defesa de Carol diz que ela pode ter acesso a guarda da filha por estar fazendo acompanhamentos psiquiátricos e fazendo visita a médicos e que não está mais tendo comportamentos imorais.

Com isso Cossi (2018) nos faz entender sobre a dinâmica em que o homem tem poder sobre as escolhas da mulher, como esse modelo patriarcal está enraizado na estruturalização da sociedade. “Esse é um procedimento hierárquico que impõe a submissão de um dos termos pelo outro, o homem é identificado ao significante fálico, significante extraordinário e único ordenador da sexualidade; a mulher ao subalterno desregrado” (COSSI, 2018, p.153). As posições passivo e ativo que Freud retoma na diferença dos sexos, as questões que especulam o complexo de Édipo na descoberta morfológica e que tomam forma na sociedade como o homem que detém o poder e a mulher que só pode exercer o papel de mãe.

Após as falas dos advogados no julgamento da guarda da filha do casal, Carol não aguentando a situação de não poder ver e ficar com sua filha, decide que é melhor para sua filha, que a menina fique com o pai, mas que, com a condição de que Carol possa ver a menina com frequência, Carol não aguenta negar sua sexualidade e continuar com a dor dos tratamentos forçados.

O Filme Carol (2015) teve grandes premiações internacionais, entre eles o *Queer Palm* que é uma premiação de melhor filme com temática LGBT. É um filme com completa sensibilidade sobre a mulher que decide ter outro lugar, além de mãe e esposa.

Já o filme Azul é a cor mais quente (2013) apresenta a vida de Adèle, num contexto homossexual da atualidade. No início do filme ela está descobrindo os prazeres que seu corpo lhe proporciona e com curiosidades começa a namorar um rapaz da escola, Adèle é uma adolescente de 13/14 anos no início do filme. Sobre a adolescência vale ressaltar como afirma Corso (2002, p.21), no período da adolescência “a juventude é a imposição do exercício do amor, em que a consistência até então adquirida é posta à prova e mostra suas arestas, dando ocasião para que as histórias amorosas se traduzam numa fantasia, num idílio, numa obsessão.” Adèle não se identifica com o relacionamento que vive e ao sair acompanhada dos amigos troca olhares com Emma, que tem por característica os cabelos azuis. Adèle termina seu relacionamento e passa a ter vontade de se reencontrar com Emma. Em determinado momento, Adèle vai para uma balada direcionada ao público LGBT. O que para a época de Carol seria inviável por todo preconceito com os homossexuais. Adèle e Emma passam a se relacionar e a partir deste momento Adèle descobre muito mais de seu corpo e seus desejos. Para Freud (1916/2011, p. 452):

O investimento sexual se produz justamente pelo fato do ego ter de enviar para fora sua libido, a fim de não adoecer com seu represamento. O processo que desprende a libido dos objetos e lhe barra o caminho de volta para eles acha-se ligado ao processo da repressão, podendo ser visto como uma contrapartida dele.

É possível analisar que Adèle fez o que teve vontade de fazer, terminou um relacionamento heterossexual para se relacionar com uma mulher e desenvolver seus desejos para que não reprima seus sentimentos e que não adoça. O filme não apresenta muito a relação de Adèle com seus pais ou de Emma com seus pais e familiares. Há apenas as relações sociais das duas, como jantares com os amigos e exposições dos trabalhos de Emma. Não se pode comparar como é a reação da família ao descobrir a sexualidade das duas garotas nem como é a relação que a sociedade impõe a elas.

O contexto do filme é totalmente diferente do filme de Carol em que há muitas regras para a mulher, regras que são ressignificadas no filme Azul é a cor mais quente e no meio social de Adèle e Emma. As duas mulheres desse filme conseguem fazer o que querem e todo o drama do filme é envolto ao relacionamento das duas que pode se apresentar tóxico em determinados momentos, como por exemplo, um jantar em que os amigos de Emma vão comemorar seu aniversário e Adèle faz o jantar. Nessa cena Emma ignora Adèle e a deixa de lado e Adèle acaba ficando sozinha, pois não conhece as pessoas que estão em sua casa. O relacionamento das protagonistas é bem conturbado e confuso. O filme revela um casal e a vivência da relação entre duas mulheres, expressões diversas da sexualidade, que não são encobertas por normativas pautadas na heterossexualidade ou na idealização da vida romântica nem em forçar o uso de medicamentos para uma cura.

O filme também tem muitas cenas de sexo entre as duas personagens principais e em seus relacionamentos, o que surpreende o público que o assiste, tendo em vista que a mulher e seus prazeres ainda se encontram sob a repressão e o silenciamento. Para Grossi (1998, p. 10) “hoje, com as inúmeras contribuições da Psicanálise e dos movimentos feministas, o desejo e o orgasmo feminino não são mais vistos como antinaturais.” No filme Carol, há a crença de que a homossexualidade tem tratamento e é imoral ser homossexual; e no filme Azul é a cor mais quente, a homossexualidade é mais aberta e mais explícita aos olhos de quem o assiste. E não há registros ou cenas de homens falando o que as mulheres devem ou podem fazer na sociedade. Por exemplo, Emma que é artista plástica e tem uma galeria em que exhibe

seus trabalhos. No filme *Carol* as mulheres não possuem liberdade de expressão.

As duas produções cinematográficas apresentam tempos distintos sobre a homossexualidade, lugares e condições de fala da mulher se diferenciam, a mulher é retratada nestas produções em diferentes posições, do silenciamento da sexualidade e do desejo à expressão mais explícita. Há uma provocação e alteração de lugares, uma aposta que a mulher pode ocupar novos e outros espaços, mesmo sabendo que uma parte conservadora da sociedade insista em dizer que a mulher ocupe apenas o lugar de mãe e esposa heterossexual. O filme *Carol* (2015) e o filme *Azul é a cor mais quente* (2013), tiveram grandes impactos nos meios sociais, com relatos de mulheres que se sentiram representadas pela indústria cinematográfica e outras mulheres que começaram a se identificar com as histórias apresentadas ao público. É importante destacar como os filmes podem produzir novos espaços, reconhecimento e a ilustração de um universo de possibilidade frente ao desejo, demonstrando assim que as mulheres podem e devem ocupar espaços públicos e que saiam da sombra de seus maridos para que possam realizar seus desejos e vontades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir esse artigo, são destacados alguns tópicos a cerca do contexto homossexual, pois, o artigo teve como propósito apresentar os conceitos psicanalíticos freudianos e pós-freudianos e relacioná-los as duas produções cinematográficas que demonstram a vida da mulher homossexual na década de 1950 e na contemporaneidade. Com conceitos históricos entre o passado e o presente, pode-se analisar que a mulher desde o princípio sempre foi julgada e inferiorizada.

Com a cultura enraizada no modelo de vida cristão, em que a mulher deveria apenas se casar e ser mãe; as mulheres passam por momentos históricos em busca de independência e direitos básicos; como as ondas do feminismo que abriram as portas para os direitos das mulheres. A história da mulher e da psicanálise que se iniciam quando uma mulher faz com que seu médico se cale para que ela possa falar sobre suas dores e seu sofrimento.

Na história, as sufragistas e os movimentos feministas passam a ter funções importantes para as mulheres que começam a buscar o direito ao voto e a igualdade de direitos, assim, buscando um lugar social que não seja apenas o de bela, recatada

e do lar. Carol é um filme que demonstra um pouco dessa parte da história, em que a personagem busca viver sua sexualidade e ter uma igualdade social que seu (ex) marido possui, tendo o direito de ter contato com sua filha mesmo sendo homossexual. A partir desse momento há uma visão atual, que expõem uma visão psicanalítica atual sobre o gênero e o papel social da mulher.

Com este trabalho foi possível perceber que há poucos artigos acadêmicos sobre a mulher homossexual, poucos debates e diálogo sobre o tema no corpo social. No Brasil, desde 1996 é lembrado o dia 29 de agosto como o dia nacional da visibilidade lésbica e em 19 de agosto de 2003 foi instaurado pelas ativistas do 1º seminário nacional de lésbicas, o dia nacional do orgulho lésbico, em homenagem a ativista que criou o seminário e que havia falecido. É um mês importante a população LGBT, mas que não há visibilização. Apesar de em agosto ser comemorado o mês da visibilidade lésbica e poderia ser um mês repleto de apresentações acadêmicas e cursos voltados ao tema da saúde da mulher e da mulher lésbica, não encontramos notícias ou a produção de espaços que viabilizem as expressões diversas da sexualidade feminina. Neste artigo apostamos na possibilidade de aberturas de espaços, de diálogo, da visibilidade da diversidade sexual e de gênero. A psicanálise se calou para ouvir a mulher falar.

REFERÊNCIAS

ANGELI, Gustavo. **As possíveis traduções do enigma do gênero**: uma discussão psicanalítica da transexualidade a partir da autobiografia de Joana Nolais. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR, 2016.

ANGELIN, Rosângela. **A “caça às bruxas”**: uma interpretação feminista. Portal Catarinas, 2016. 31/10/2016. Disponível em: <http://catarinas.info/a-caca-as-bruxas-uma-interpretacao-feminista/>

ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. **Estudos Feministas**. N. 17, p. 653-673. Florianópolis- SC. 2009.

BARRETO, Ocilene Fernandes. CECARELLI, Paulo Roberto. Eva, Maria e Lilith: corpo de delito. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte- MG. n. 43, p. 129-138. 2015.

CAROL. Direção: Todd Haynes. Estados Unidos/ Reino Unido. KillerFilms, 2015. (118min)

CECARELLI, Paulo Roberto. Psicanálise, sexo e gênero. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte- MG, n. 48, p. 135-146, 2017.

CORSO, Diana. Édipo, latência e puberdade: a construção da adolescência. **Clínica da adolescência**, Porto Alegre, n.23 p.18-31, dezembro 2002.

COSSI, Rafael Kalaf. Para uma representação não patriarcal do feminino. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina- PR , v. 9, p. 152-156, set. 2018 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000300010&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 nov. 2019.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006.

FREUD, Sigmund. A Feminilidade. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1923/2011. (Vol. 18).

_____. A teoria da libido e o narcisismo. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1916/2011. (Vol. 11).

_____. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1925/2011. (Vol. 16).

_____. Carta 71. In: **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1897/1996. (Vol. I).

_____. O início do tratamento. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1911/2011. (Vol. 10).

_____. Psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1926/1996. (Vol. XX).

_____. Psicogênese de uma Homossexualidade feminina. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1920/2011. (Vol. 15).

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. 1998.

IACONELLI, Vera. Mulher falada. In: FRANÇOIA, Carla; PORCHAT, Patrícia; CORSETTO, Patrícia (Orgs.). **Psicanálise e Gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina**. Curitiba: Calligraphie, 2018. p. 45-50.

POLI, Maria Cristina. **Feminino/Masculino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

QUENTE, Azul é a cor mais: Abdellatif Kechiche. França. VértigoFilms, 2013. (180 min)

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROSA, Miriam. DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais. v. 22. 180-188, 2010.

ROSA, Miriam. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos pagu**, n. 16, p. 137-150, 2001.

SOUSA, Viviane. ARCOVERDE, Léo. **Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas**. São Paulo, 2019. 17/05/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>>. Acesso em 05 Jul. 2020.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 331-341, Ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2005000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Jul. 2020.

